

Alice e o contemporâneo: questões utópicas em *Alice no país das maravilhas e através do espelho e o que Alice encontrou por lá* de Lewis Carroll

Alice and the contemporary: utopic questions in *Alice in Wonderland and through the looking-glass and what Alice found there* by Lewis Carroll

Isabella Pereira Marucci¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo realizar uma análise das obras *Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*, ambas escritas por Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Dodgson, especificamente a proposta analítica é concentrada na investigação da relação entre a utopia e distopia nas narrativas de Alice, busca-se compreender de um ponto de vista cultural e moderno como esses conceitos são abordados nas obras. Como a questão do pós-moderno e contemporâneo podem auxiliar na visão da utopia e distopia que permeiam o País das Maravilhas e o País dos Espelhos, sociedades regidas pelas figuras autoritárias da Rainha de Copas e da Rainha Vermelha, onde Alice entra como a personagem questionadora dos valores propagados por essa idealização, que acaba constituindo a opressão e submissão dos habitantes. É relevante também voltar o olhar para a questão cultural que, unida às convenções sociais, permeiam os ideais e comportamentos morais de uma sociedade. Assim, pode-se entender a relação entre as Rainhas e os demais personagens e, principalmente, Alice, que discorda do contexto. Para tanto, reflexões sobre o âmbito cultural e social serão tomados através de Llosa, Sant'Anna e Bauman; além de noções sobre utopia e distopia em Santee e Bloch.

Palavras-chave: utopia; distopia; contemporâneo; Alice; Lewis Carroll.

ABSTRACT: This article aims to perform an analysis of the books *Alice in Wonderland and Through the Looking Glass and what Alice found there*, both written by Lewis Carroll, pseudonym of Charles Dodgson, specifically the analytical proposal is concentrated in the relationship between utopia and dystopia in Alice's narratives, we seek to understand from a cultural and modern point of view how these concepts are approached in the books. As the postmodern and contemporary question can help in the vision of utopia and dystopia that permeates Wonderland and the Land of Mirrors, societies ruled by the authoritarian figures of the Queen of Hearts and the Red Queen, where Alice enters as the questioning character of the values propagated by this idealization, which constructs the oppression and submission of the population. It is also relevant to turn our attention to the cultural question that, together with social conventions, permeates the ideals and moral behaviors of a society. Thus, one can understand the relationship between the Queens and the other characters and, especially, Alice, who disagrees with the context. For that, reflections on the cultural and social scope will be taken through Llosa, Sant'Anna and Bauman; as well as notions about utopia and dystopia in Santee and Bloch.

Keywords: utopia, distopia, contemporary, Alice, Lewis Carroll.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –UFMS, sob a orientação do professor doutor Ramiro Giroldo. Bolsista Fundect. Mestre em Estudos de Linguagens e graduada em Letras Português/Inglês, ambos pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –UFMS. Email: marucci_isabella@hotmail.com.

Lewis Carroll em *Alice no País das Maravilhas* discorre sobre a história da menina Alice que caiu em uma toca ao perseguir o Coelho Branco; a queda a levou a deparar-se com um mundo estranho, considerado fantástico, o chamado País das Maravilhas. Todos são regidos pela Rainha de Copas, uma governante extremamente intolerante e rígida. Se alguém lhe desobedecer ou deixar de seguir seus padrões, é condenado à guilhotina. Nesse sentido Alice é a figura questionadora, pois não compreendendo a construção daquela sociedade, que é tão diferente do “real”, sempre problematiza suas práticas e se coloca em posição de enfrentamento à Rainha.

De forma semelhante, na segunda obra de Carroll, *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, a mesma personagem protagonista transita mais uma vez para um lugar surpreendente, fugindo do senso comum e “realidade” por meio de sua constituição: o País dos Espelhos. Porém, a passagem entre os universos ocorre de maneira diferente ao primeiro texto literário; Alice considera a existência de um lugar outro que estaria além do espelho, assim, atravessa o espelho da sua sala de estar e descobre estar em um mundo baseado em um “jogo de xadrez”, o qual a garota deve vencer e se tornar uma rainha.

A principal problematização que é encontrada na concepção dos ambientes surreais em que Alice vem a se encontrar é justamente sua forma de organização. A forma de governo da Rainha de Copas acaba por determinar e padronizar o comportamento dos habitantes, pois através da opressão, entendem que não podem ir contra as ideologias da figura que está à frente deles; do contrário, serão mortos: “A Rainha só tinha uma maneira de resolver todas as dificuldades, grandes ou pequenas. “Cortem-lhe a cabeça!” ordenou sem pestanejar.” (CARROLL, 2013, p.69).

Como resultado, o povo vive temeroso, desprovido de voz e lugar diante desse contexto, apenas cumprem suas funções, as quais lhe foram dadas em ordem da contribuição para com o desenvolvimento do local. Isto é, cada um de fato sabe seu lugar, mas se limita apenas a algo fechado e circunstancial, uma forma de alienação. Como exemplo está o comportamento do Coelho Branco que, sempre atrasado, não dá ouvidos a Alice, ignorando-a completamente ou a qualquer fato que esteja ocorrendo em seu redor, pois constantemente está preocupado em desapontar a Rainha.

Curiosamente, as ações do Chapeleiro Maluco também revelam o poder autoritário da governante. Em seu diálogo com Alice sobre o tempo, ao ser questionado sobre a razão de sempre estar sentado à mesa de chá, o personagem compartilha de seu desentendimento com a Rainha. Durante uma apresentação musical, a Majestade reprovou seu desempenho e ordenou que fosse condenado por estar “matando o tempo”. Tratando-se de um jogo com as palavras, vemos que a expressão utilizada pela Rainha seria algo coloquial que indicasse a má qualidade da música do Chapeleiro; em contrapartida, a frase é tomada como verdadeira naquele universo, assim o Chapeleiro não conseguia mais se entender com o “Tempo” (grafado com letra maiúscula, sendo personificado), permanecendo sempre no horário do chá.

“Bem, eu mal acabara a primeira estrofe”, disse o Chapeleiro, “quando a Rainha deu um pulo e berrou: ‘Ele está assassinando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!’”

“Terrivelmente cruel!” exclamou Alice.

“E desde aquele momento”, continuou o Chapeleiro, desolado, “ele não faz o que peço! Agora, são sempre seis horas.”

Alice teve uma ideia luminosa. “É por isso que há tanta louça de chá na mesa?” perguntou.

“É, é por isso”, suspirou o Chapeleiro; “é sempre hora do chá, e não temos tempo de lavar a louça nos intervalos.” (CARROLL, 2013, p. 58)

É possível relacionar as atitudes da Rainha de Copas, tendo em vista as situações demonstradas e o impacto no comportamento dos demais personagens, como uma alusão a uma sociedade distópica, que estaria engendrada na aparência de uma utopia, perfeitamente instaurada. Para melhor compreensão, é necessário voltar o olhar para as definições de utopia e distopia por Daniel Santee. Segundo o autor, uma sociedade utópica seria representada de maneira idealizada, um lugar perfeito; enquanto que uma civilização distópica apresentaria traços odiosos e repulsivos; falando de um ponto de vista literário:

Portanto, uma das principais diferenças entre a literatura utópica e distópica está na impressão do autor: se ele acredita estar descrevendo uma sociedade melhor, está criando utopia (...), se ele acredita estar descrevendo uma sociedade repulsiva, o que está criando é uma sociedade distópica. Nesse caso, ele força situações e aspectos repulsivos, para que não apareçam acidentais. Em ambos os casos a crítica da sociedade é a característica central. (SANTEE, 1988, p. 19).

Nesse sentido, embora as classificações sejam postas de dois lados diferentes, havendo essa contraposição entre os seus significados, sendo, em linhas gerais, a utopia o perfeito e a distopia o imperfeito; nas aventuras de Alice o mesmo não pode se aplicar pelas vias dessa separação, pois as duas instâncias acontecem intrinsecamente interligadas. É a utopia propagada pela parte superior (Rainha), que acaba escondendo em suas práticas a violência e opressão distópica, que reverbera ainda na posição rebelde e questionadora de Alice, que constitui um dos quesitos essenciais para uma representação distópica.

Insatisfeita com a maneira como as coisas acontecem naquele lugar, tão diferente do que Alice conhece do “real”, a garota sempre levanta questões em prol de instigar os personagens que cruzam seu caminho para perceber a situação, além de enfrentar a própria Rainha. Em seu primeiro encontro, os jardineiros estavam a pintar as rosas brancas de cor vermelha, pois cometeram um engano ao plantar as flores, e almejavam corrigir o problema antes que fossem condenados pela Rainha de Copas. Ao surpreendê-los no ensejo e perguntar o que se sucedia, Alice responde:

“Como eu poderia saber?” disse Alice, surpresa com a própria coragem. “Isso não é da minha conta.” A Rainha ficou rubra de fúria, e depois de fuzilá-la com os olhos por um momento como uma fera selvagem gritou: “Cortem-lhe a cabeça! Cortem...” “Disparate!” disse Alice decidida, em alto e bom som, e a Rainha se calou. (CARROLL, 2013, p. 65)

A dinâmica entre utopia e distopia pode ser relacionada à questão cultural e pós-moderna, quanto às problematizações que emergem na estruturação e concepção de uma sociedade. Mario Vargas Llosa, em *Metamorfose de uma palavra*, na tentativa de conceituação de cultura, auxilia a pensar na ideia de utopia e distopia nos universos de Alice. O autor segue uma linearidade crítica que pode ser pensada, paralelamente, a linearidade que se inicia com a conceituação utópica até a revelação “verdadeira”: a distopia. Através das afirmações polêmicas de T.S. Elliot, podemos enxergar o caráter utópico. A premissa de que, para um bom funcionamento social e cultural são necessárias certas limitações (implícitas): cada um deve saber seu lugar e aquilo que produz.

Esse modelo ideal, segundo Eliot, consiste numa cultura estruturada em três instâncias — indivíduo, grupo ou elite e sociedade em seu conjunto —, em que, embora haja intercâmbios entre as três, cada uma conserva certa autonomia e está em constante confronto com as outras, dentro de uma ordem graças à qual o conjunto social prospera e se mantém coeso. (LLOSA, 2012, p.9).

Pode-se observar a correspondência, primeiramente, com uma civilização utópica, onde para um bom andamento, é necessária a disposição de cada indivíduo em um local e função específica para que conjuntamente a sociedade funcione. E dessa forma, vemos que a Rainha de Copas, assim como a Rainha Vermelha e Branca, instituí a classe alta, enquanto os demais são colocados abaixo desse status: “Cada classe tem a cultura que produz e que lhe convém, e, embora entre elas naturalmente haja coexistência, também há diferenças marcantes relacionadas com a condição econômica de cada uma. (LLOSA, 2012, p.10)”.

O preconceito se torna visível nessa premissa, pois a divisão incita que, além das classes mais altas serem as mais privilegiadas em detrimento das menores que sempre acabam prejudicadas, há também o juízo de valor; incitando que suas produções serão valorizadas em maior ou menor efeito de acordo com o lugar de onde surgiram. As diferenças marcantes citadas são as que determinam o espaço de cada uma. Em determinada cena na obra de Carroll, vemos a descrição do cortejo da Rainha, onde até a vestimenta revela o papel social:

Primeiro vieram dez soldados carregando paus; tinham todos o mesmo formato dos três jardineiros, eram alongados e chatos, com as mãos e os pés nos cantos. Em seguida, os dez cortesãos; estes estavam enfeitados com losangos vermelhos da cabeça aos pés e caminhavam dois a dois, tal como os soldados. Atrás vieram os infantes reais; eram dez, e os queridinhos vinham saltitando alegremente de mãos dadas, aos pares: estavam todos enfeitados com corações. Depois vinham os convidados, na maioria Reis e Rainhas, e entre eles Alice reconheceu o Coelho Branco: falava depressa, nervosamente, sorria de tudo que era dito e passou sem a notar. Seguia-os o Valete de Copas, transportando a coroa do Rei numa almofada de veludo vermelho; e por fim, fechando esse grande cortejo, VIERAM O REI E A RAINHA DE COPAS. (CARROLL, 2013, p.64)

Mesmo embora haja o direito da ascensão ou queda dentre as classes, conforme Llosa aponta, ainda devem ser respeitados esses papéis. Não há proibições que impeçam essa mudança, mas é problemática a percepção de que haverá ainda ideais intrínsecas que carregarão consigo a imparcialidade do comportamento social.

Essa ideia de classe não é rígida nem impermeável para T. S. Eliot, mas aberta. Uma pessoa de uma classe pode passar para outra superior ou descer para uma inferior, é bom que assim seja, embora isso constitua mais exceção que regra. Esse sistema garante uma ordem estável ao mesmo tempo que a expressa, mas na atualidade está prejudicado, o que gera incertezas sobre o futuro. (LLOSA, 2012, p.10)

Podemos pensar nesse quesito, na segunda obra de Carroll: *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, onde a protagonista precisa jogar um jogo de xadrez “real” para “vencer” aquele lugar. Ao final, a mesma consegue o fazer e se torna uma rainha, ou seja, se ascendeu dentro daquele parâmetro de classes. No entanto, certo poder ainda permanece, pois as demais rainhas passam a subordinar Alice para que mude seu comportamento, agora que não era mais “igual aos demais”. Isso se constitui um problema, o juízo de valor mencionado: ““Absurdo!” gritou a Rainha. “Ora, você não entende, criança...” (...) Não pode ser uma Rainha até ter passado pelos exames apropriados. E quanto mais cedo começarmos isso, melhor.”” (CARROLL, 2013, p.208 e 209).

Alice, nesse momento, pode ser tomada como um grande exemplo para a idealização de certas posições e como elas podem ser alteradas de acordo com a imposição da própria sociedade, mesmo embora seja algo implícito aos nossos olhos. A princípio, Alice é quem discorda das práticas autoritárias do reinado, questionando-as; no entanto, ao assumir esse posto, passa a agir da mesma forma, demonstrando o problema da busca por uma padronização: “Alice virou-se, pronta para criticar meio mundo. ““Onde está o criado cuja obrigação é atender à porta?”, começou, zangada. “Que porta?” perguntou o Sapo. Alice quase sapateou de irritação com a voz arrastada com que ele falava. “Esta porta, é claro.”” (CARROLL, 2013, p.216).

Relevante lembrar que as responsáveis por “auxiliar” Alice em seu papel de rainha, moldando seus novos costumes, são as próprias Rainhas (Vermelha e Branca), ou seja, uma afirmação de como o aspecto social em muito procura determinar comportamentos.

Adiante na história, Alice percebe que a forma de agir que tomou não é positiva, ao contrário, irá piorar a situação do local. Assim, ao ter seus olhos abertos, uma vez colocada do lado que criticava, a garota abandona a posição de rainha.

É importante ressaltar que Alice vem de outro contexto, que seria o “mundo real”, o que facilitaria a sua capacidade de enxergar os problemas de uma conjuntura tal, por não estar inserida nele a princípio. Assim, a personagem pode ser vista como uma perturbação. Responsável por criar uma desordem a fim de abrir os olhos dos demais. O fato de se contradizer ao ir contra uma ideologia e assumir o mesmo papel, revela que Alice mostra a distopia e parece buscar uma utopia ao mesmo tempo.

Essa concepção pós-moderna e cultural vai trazer efeitos de requinte distópico: a não aceitação desses valores impostos entre as classes e a elite, resultando em uma espécie de revolta (violência). Enquanto, por outro lado, cria também uma sensação de impotência, a qual se julga melhor apenas aceitar as coisas como estão; sentimentos de descrença e dúvida, tanto em relação ao futuro, quanto a toda a sociedade em geral.

Um dos traços da pós-cultura é não acreditar no progresso, é o eclipse da ideia segundo a qual a história traça uma curva ascendente, é o predomínio do Kulturpessimismus ou novo realismo estoico (...) o progresso moderno, agora sabemos, tem amiúde um custo destrutivo, por exemplo em danos irreparáveis à natureza e à ecologia, e nem sempre contribui para reduzir a pobreza, e sim para ampliar o abismo de desigualdades entre países, classes e pessoas. (LLOSA, 2012, p.12).

Nesse momento entra o papel e comportamento da personagem Alice, que seria a representação dessa revolta, indo contra as coisas que lhe são impostas e enfrentando diretamente a elite, nesse caso a autoridade da Rainha de Copas:

(...) “Que o júri pronuncie seu veredito”, disse, mais ou menos pela vigésima vez naquele dia.

“Não, não!” disse a Rainha. “Primeiro a sentença...depois o veredito.”

“Mas que absurdo!” Alice disse alto. “Que ideia, ter a sentença primeiro!” “Cale a boca!” disse a Rainha, virando um pimentão.

“Não calo!” disse Alice.

“Cortem-lhe a cabeça!” berrou a Rainha. (...)

“Quem se importa com vocês?”, disse Alice (...) (CARROLL, 2013, p. 100 e 101)

Os demais personagens do País das Maravilhas e do País dos Espelhos parecem estar em estado de estagnação. De maneira implícita, não intencional, os habitantes desse contexto distópico permanecem em um nível de aceitação de sua situação e condição. Porém não há certa esperança que advém dessa conformidade e sim total descrença, como se aquele contexto nunca pudesse ser mudado. Percebe-se então uma diferença significativa no comportamento dos habitantes desses universos surreais e o de Alice; isso estaria ligado à esperança utópica, a qual Alice parece possuir em detrimento da estagnação dos demais personagens.

Sua tese central é que na sociedade industrial moderna, na qual o capitalismo triunfou, e a classe operária foi (pelo menos temporariamente) derrotada, a alienação — ilusão da mentira convertida em verdade — monopolizou a vida social, transformando-a numa representação em que tudo o que é espontâneo, autêntico e genuíno — a verdade do humano — foi substituído pelo artificial e pelo falso. (...) “O espetáculo”, diz Debord, “é a ditadura efetiva da ilusão na sociedade moderna” (proposição n.º 213). (LLOSA, 2012, p.14)

Ernst Bloch, em *O princípio esperança*, discorre sobre a utopia enquanto esperança, a qual é necessária ao ser humano. Do contrário, não há razão para ser. É uma espécie de motivação para desenvolvimento social, sempre buscando a melhoria, a mudança. Ainda que esta seja vista como impossível, inalcançável, ou que de fato o seja. A premissa relaciona-se com o texto de Llosa, sobre o fato da pós-modernidade propiciar essa revolta e ao mesmo tempo certa estagnação, o que, por sua vez, é uma espécie de necessidade e motivação para o comportamento de Alice em um contexto distópico. Ela contraria aquelas imposições por acreditar, ainda que implicitamente, na mudança. Mesmo que não haja a possibilidade de um futuro melhor, de encontrar uma saída daquele ambiente prejudicial, a esperança se faz necessária como uma maneira de continuar a viver em sociedade.

A falta de esperança é, ela mesma, tanto em termos temporais quanto em conteúdo, o mais intolerável, o absolutamente insuportável para as necessidades humanas. É por isto que até mesmo a fraude, para que seja eficaz, tem de trabalhar com a esperança lisonjeira e perversamente estimulada. É por isto que

justamente a esperança, limitada porém a uma mera manifestação interior ou como consolação voltada para o além, é pregada de todos os púlpitos. (BLOCH, 2006, p. 15).

Questões tais estão atreladas com o contemporâneo, tempo complexo em que vivemos, cheio de indefinições e, principalmente, deslocamentos. Affonso Romano de Sant'Anna aponta que o tempo em que nos encontramos é propício para o enfrentamento das “normas”, em deslocar, tirar as coisas do lugar, ao contrário da ordem que se era estabelecida anteriormente, não se consegue mais definir o espaço específico de cada coisa. Nesse sentido, são considerados “heróis” aqueles que seguem essa premissa moderna:

O herói moderno afronta o sistema, quer miná-lo e substituí-lo pelo seu avesso. Já foi chamado de “herói problemático” (Luckács), pois estava em conflito com o conjunto de normas. Mais tarde passou a ser chamado também de “personagem dialógico” (Bahktin), exibindo sua complexidade, deixando de ter uma personalidade plana, redonda, sem fissuras. Tal herói da contracultura *underground* e “marginal” (como se convencionou chamar em torno de 1960) é aquele que não coincide nem com o cenário onde está, nem consigo mesmo. (SANT'ANNA, 2017, p.19)

Tendo isso em vista, Alice é a personificação desse herói moderno, que está constantemente em luta contra o sistema, não aceitando as coisas como lhe são postas. Podendo ser semelhante a Dom Quixote, que possui também a esperança utópica e as características de um herói que desloca as coisas. Tomado como louco. E, inclusive, não consegue encontrar sentido em si mesma também, diante desse contexto: “Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afim de contas quem sou eu?’ Ah, este é o grande enigma!” (CARROLL, 2013, p.18). É um perfeito exemplo de deslocamento do lugar onde se encontra e também de si mesma, enquanto indivíduo. Não se encaixando nas propostas da sociedade e, em contrapartida, fugindo delas.

Os próprios personagens parecem incentivar essa confusão em Alice; em determinado momento, ao encontrar-se com a Lagarta, a primeira pergunta que o animal dirige a garota é justamente sobre a ideia do ser. Alice não sabe como responder essa pergunta, pois não só não consegue identificar quem é, como ainda diz que muda a cada momento, realizando assim uma relação direta com o contemporâneo:

“Quem é você?” perguntou a Lagarta. Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: “Eu...eu mal sei, Sir, neste exato momento...pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então.” (CARROLL, 2013, p.38)

Através de vias utópicas e distópicas, podemos ver também que o deslocamento causado por Alice é também uma forma de afirmar sua busca por uma mudança e, conseqüentemente, criar uma nova utopia. Até mesmo o uso do *nonsense* literário, fenômeno que é caracterizado pelo absurdo que irá, na verdade, criar um sentido peculiarmente próprio, auxilia na compreensão da confusão e do ato de deslocar pelo qual a personagem passa: “Contudo, sem nos darmos conta, o excentrismo contestando o centro tornou-se um novo centro. E tornou-se de tal maneira cêntrico que, ao privilegiar o *nonsense* e ao patinar no niilismo, chegou a manifestar uma verdadeira paixão pela entropia.” (SANT’ANNA, 2017, p.21).

Essa proposição de deslocamento também pode ser relacionada com o conceito de pós-modernidade de Bauman, descrito em *O mal estar da pós-modernidade*. Considerando o fato dito anteriormente sobre cada um saber o seu lugar em uma constituição utópica, caso dos universos que Alice transita, onde os personagens aprendem de forma opressiva a não atravessarem os limites que lhe foram colocados, conseqüentemente há um desconforto quando as pessoas saem de seu lugar, não ficam nos lugares que lhe foram impostos. O considerado deslocamento.

Ao dizer que “O modernismo foi um protesto contra promessas descumpridas e esperanças frustradas, mas também um testemunho da seriedade com que as promessas e as esperanças foram tratadas.” (BAUMAN, 1998, p.122), Bauman corrobora no pensamento da complexidade que é intrínseca ao ser do contemporâneo, pós-moderno e utópico/distópico; pois ao mesmo tempo em que possa ser de extrema importância a existência da refutação de papéis e classificações específicas que possam limitar seu

comportamento, o estranhamento também se faz presente. Isso se deve à essa esperança que reside ainda em meio a obscuridade, de que a mudança advinda do deslocamento chegará; o desconforto vem de uma frustração por ser, de certa forma, inalcançável essa utopia que se faz de um futuro melhor.

O paradoxo da vanguarda, portanto, é que ela tomou como sucesso o signo do fracasso, enquanto a derrota significasse, para isso, uma confirmação de que estava certa. A vanguarda sofria quando o reconhecimento público era negado - mas ainda sentia mais atormentada quando a sonhada aclamação e o aplauso surgiam finalmente. (BAUMAN, 1998, p.125).

Dessa maneira, vemos que Alice, através de seus questionamentos e decepções com o contexto em que se encontra, unida à sua confusão e estranheza advinda da ideia do ser que provoca o deslocamento, é a representação do contemporâneo. A garota externa as angústias da era pós-moderna e suas problemáticas de ordem paradoxal, onde permanecer no mesmo lugar não é mais propriamente aceito, mas sair dele também é alarmante. Alice é constituída como um movimento constante que perturba e causa a desordem, demonstrando que mesmo embora suas inquietações não alcancem respostas, aludindo também a inalcançável utopia, essas são necessárias para pensar nosso papel e o contexto em que vivemos, revelando sua distopia.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 2006.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2013



LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Tradução Ivone Benedetti. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Cultura Contemporânea: redefinindo centro e periferia*. In: _____. *Redefinindo centro e periferia*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

SANTEE, Daniel Derrel. *Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the light of More's Utopia*. Florianópolis, 1988. Dissertação (Mestrado em Letras), UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/75596/79334.pdf?sequence=1>> Acesso em 12/10/2017.

Recebido em: 12/10/2020

Aprovado em: 04/12/2020